

A denegação da efemeridade dos afetos: sentidos da memória em “A eternidade e o desejo”, de Inês Pedrosa

The denegation of affection ephemerality: memory senses in “A eternidade e o desejo”, by Inês Pedrosa

Silvia Niederauer

Pesquisadora CECLIP, Pontifícia Universidade Católica, Porto Alegre, RS, Brasil

Inara de Oliveira Rodrigues

Universidade Estadual de Santa Cruz, Ilhéus, BA, Brasil

Resumo: Problematiza-se em *A eternidade e o desejo* (2008), de Inês Pedrosa, os embates entre as relações afetivas do mundo social contemporâneo, marcadas, sob muitos aspectos, pela efemeridade dos contatos humanos, e os sentidos da memória capazes de, em movimento contrário, afirmarem a necessidade de vínculos identitários. Desenvolve-se, assim, uma abordagem crítica sobre as potencialidades do romance para tornar mais aguda a percepção dos automatismos de toda ordem colocados em ação na atual sociedade globalizada.

Palavras-chave: Relações afetivas. Memória. Literatura Portuguesa Contemporânea. Romance.

Abstract: It is discussed in *A eternidade e o desejo* (2008) by Inês Pedrosa, the clashes between the affective relationships of the social contemporary world, marked, in many ways, by frailty of the human contacts, and the senses of memory able to, in opposite movements, say the need of identity bonds. So, it is developed a critical approach about the novel potentialities to turn more acute the perception of all kinds of automatisms put in action in the current globalized society.

Keywords: Affective relationships. Memory. Contemporary Portuguese Literature. Novel.

A eternidade e o desejo são duas coisas tão parecidas, que ambas se retratam com a mesma figura.

(*Sermão de Nossa Senhora do Ó*, António Vieira)

Silvia
Niederauer

Inara de
Oliveira
Rodrigues

212

No atual cenário em que o imediato se contrapõe à constante escassez do tempo, a efemeridade das relações afetivas torna-se um aspecto especialmente preocupante no contexto das virtuais e fugazes possibilidades de encontro humano. Diante disso, parece sempre mais fundamental reconhecer a importância da literatura como tecido especialmente composto por fios capazes de revelarem imagens críticas sobre a sociedade e a cultura.

Afirmando-se a importância do romance como potencialmente voltado a instigar reflexões sobre a realidade sociocultural com a qual dialoga, entende-se como relevante problematizar possíveis sentidos da representação das relações afetivas tal como se apresentam em *A eternidade e o desejo* (2008), de Inês Pedrosa. Jornalista e escritora, licenciada em Ciências da Comunicação pela Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, Inês Pedrosa (Coimbra, 1962), apesar de ser um nome relativamente novo no âmbito da Literatura Portuguesa, já recebeu reconhecimento da crítica especializada e afirma-se como importante ficcionista a refletir sobre, entre outros temas, as relações afetivas no atual estágio da modernidade contemporânea.

Nesta análise, entende-se que problematizar a maneira como se representam os afetos permite questionamentos sobre os embates entre sentidos da memória, que também resultam em sentidos identitários, em um tempo marcado, sob muitos aspectos, pela efemeridade das relações humanas. Trata-se, nesse caso, de uma perspectiva crítica sobre o mundo sociocultural, atentando-se para as relações entre a arte literária e a vida nesses tempos de mercantilização globalizada, marcada pela estandardização dos comportamentos sociais. Em sentido contrário, esse romance da autora portuguesa privilegia a reflexão de personagens em seu processo de autoconhecimento, numa trajetória atravessada por questionamentos a respeito das relações amorosas.

Sentidos da memória em tempos efêmeros

A efemeridade pode ser entendida, sobretudo, como a propriedade do descartável e facilmente substituível, quer dos bens de consumo, quer dos próprios relacionamentos humanos. Trata-se da realidade colocada em ação pela sociedade pós-industrial, na qual, segundo Baudrillard

(1995), “os homens [...] não se encontram rodeados, como sempre acontecera, por outros homens, mas mais por *objetos*” (p. 15, grifo do autor). E continua o pensador francês:

O conjunto de suas relações sociais já não é tanto o laço com os seus semelhantes, quanto, no plano estatístico segundo uma curva ascendente, a recepção e a manipulação de bens e de mensagens [...]. Os conceitos de ‘ambiente’ e de ‘ambiência’ só se divulgaram a partir do momento em que, no fundo, começamos a viver menos na proximidade dos outros homens, na sua presença e no seu discurso; e mais sob o olhar mudo de objetos obedientes e alucinantes que nos repetem sempre o mesmo discurso – isto é, o do nosso poder medusado, da nossa abundância virtual, da ausência mútua de uns aos outros (BAUDRILLARD, 1995, p. 15).

*A denegação
da efemeridade
dos afetos*

213

Essa incapacidade do estabelecimento de relações humanas mais efetivas associa-se com a perspectiva do referido pensador francês sobre a ordem da vida moderna, na qual “deixou de haver espelho em que o homem se defronte com a própria imagem para o melhor ou para o pior; existe apenas a *vitrina* – lugar geométrico do consumo [no qual se deixa] absorver e abolir. *O sujeito de consumo é a ordem dos sinais*” (BAUDRILLARD, 1995, p. 206, grifos do autor).

Nessa ordem do consumismo, da reificação da vida, os laços humanos tornam-se lassos e são marcados pelos sinais das aparências, que se transformam em signos de sentido e pertencimentos fugazes, contingencialmente instantâneos.

De acordo com Gilles Lipovetsky, na obra *El crepúsculo del deber* – la ética indolora de los nuevos tiempos democráticos (1994), as questões que estão em voga na sociedade de final de milênio e início de uma nova era giram em torno da ética e suas bases de fundamentação e de parâmetros. De um lado, há a relativização da moral; de outro, o decreto de sua decadência. Esses dois discursos contraditórios revelam que os valores morais antigos não estão retornando, o que significa dizer, em relação à instalação da moral atual, que ela se apresenta como laica, ou seja, distante e, portanto, liberta dos dogmas religiosos que regiam toda e qualquer manifestação humana. A nova ordem que se instaura neste início de milênio é a ordem dos desejos imediatos, a felicidade intimista e materialista: em suma, a paixão pelo ‘ego’. O

Silvia
Niederauer

Inara de
Oliveira
Rodrigues

214

que parece reger a nova sociedade não é mais o dever, mas sim o bem-estar e a dinâmica dos direitos subjetivos.

Dessa forma, se, por um lado, avança-se nos sentidos da realização mais plena dos desejos, não cerceados por imposições dogmáticas ou religiosas, por outro, o próprio sentido do desejar torna-se um fim em si mesmo e, de certo modo, mercantiliza-se. O sentido desejante não se constitui em possibilidade e desafio a uma constante reinvenção para a existência, mas converte-se em necessidade a ser suprida pela descartabilidade do desejado. Em Bauman encontra-se esta ideia:

Eles garantem que seu desejo, paixão, objetivo ou sonho é 'relacionar-se'. Mas será que na verdade não estão preocupados principalmente em evitar que suas relações acabem congeladas e coaguladas? Estão mesmo procurando relacionamentos duradouros, como dizem, ou seu maior desejo é que eles sejam leves e frouxos, [...] e possam 'ser postos de lado a qualquer momento'? (2004, p. 7).

Estabelece-se, desse modo, uma hipertrofia de sentidos do presente – do agora, da satisfação realizada, da não frustração pela não correspondência dos afetos desejados. Nesse processo, volatiliza-se o passado como experiência e esvazia-se a potencialidade da memória como fundamento dos sentidos da existência. Por outras palavras, a memória, como representação presente de um passado ausente no presente, é a capacidade de (re)significar os acontecimentos e, por extensão daquilo que marcou o sujeito. Seguindo o pensamento de Paul Ricoeur, em *A memória, a história, o esquecimento* (2007, p. 40), “uma ambição, uma pretensão está vinculada à memória: a de ser fiel ao passado”.

Se a memória propicia o entendimento das experiências do sujeito que, então, confere aos acontecimentos uma (re)significação, ela o faz refletir e repensar naquele passado e, de certa forma, repensar o seu presente. Como diz Ricoeur (2007), “não temos nada melhor que a memória para significar que algo aconteceu, ocorreu, se passou antes que declarássemos nos lembrar dela” (p. 40). Por esse viés, lembrar-se é a experiência de (re)conhecimento e de (re)criação das coisas e situações, que assumem um valor simbólico. Enquanto guardiã do que aconteceu no tempo, a memória assegura a continuidade temporal, objetivando uma melhor apreensão das relações do passado. Como o fio condutor da

memória é a sua relação com o tempo, ela, a memória, é a do passado e suas lembranças, que são distintas do presente. Para Ricoeur (2007),

a memória está no singular, como capacidade e como efetivação, as lembranças estão no plural: temos umas lembranças [que] podem se apresentar em sequências mais ou menos favoráveis à composição de uma narrativa (p.41).

Desse modo, “a busca da lembrança pela memória comprova uma das finalidades principais do ato da memória, a saber, lutar contra o esquecimento. [...] [Então] o dever da memória é o dever de não esquecer” (RICOEUR, 2007, p.48).

Esse não esquecimento fundamenta o romance em estudo: o não esquecimento das relações entre memória e história, que é individual e coletiva, capaz de acionar sentidos profundos, na contramão da volatilidade das relações contemporâneas.

Entre a eternidade e o desejo, a afirmação dos afetos

O romance *A eternidade e o desejo* (2008) divide-se em duas partes que correspondem a cada um dos substantivos do título. A narrativa desenvolve-se em torno dos conflitos afetivos vividos por Clara, a protagonista. O enredo é, aparentemente, simples: Clara, uma professora universitária portuguesa, conheceu Antônio em terras brasileiras, também professor, com quem se envolve apaixonadamente, apesar de nada saber sobre ele. Retorna a Portugal, mas, sentindo demasiada falta de Antônio, volta para reencontrá-lo e, nesse encontro fatal, ele morre vítima de um tiro e ela perde a visão, por ter, também, sido atingida pela bala na tentativa de salvá-lo. Agora cega, Clara volta à Bahia para seguir os passos de Antônio Vieira, na tentativa de reencontrar os sentidos de seu amor perdido.

As estratégias para o desenvolvimento do texto, entretanto, não são nada simplistas: a voz narrativa, na maior parte do tempo, é a de Clara, mas também Sebastião se apresenta como narrador e, intercalado à voz das personagens centrais, aparecem fragmentos de sermões de Padre Antônio Vieira que completam, reforçam o tema abordado ou apontam para uma nova possibilidade de se apreender o assunto tratado.

Assim, de volta à Bahia, cenário da diegese, a personagem central é guiada pelo amigo Sebastião, que nutre por ela um amor extremo, en-

*A denegação
da efemeridade
dos afetos*

215

tretanto não correspondido. Assim, nesses desencontros sentimentais, Clara e Sebastião seguem uma excursão pelos pontos turísticos baianos, quando ela conhece Emanuel, cineasta, que a convida para fazer um filme. Rapidamente, Clara se vê envolvida por ele e decide, para desespero de Sebastião, não mais voltar a Portugal, construindo sua vida ao lado de Emanuel e no Brasil, lugar que diz pertencer, de fato.

Silvia
Niederauer

Sebastião segue Clara na esperança vã de ser por ela amado:

Inara de
Oliveira
Rodrigues

Dorme, Clara; deixa-me entrar nos teus sonhos, enxotar esses fantasmas que te desassossegam, varrer esses homens que não são dignos de beijar a fímbria do lençol onde os teus pés espreitam. [...] quero que o lume dos meus olhos derreta a porta do teu coração, quero que os meus olhos acendam os teus, dou-te os meus olhos, e dentro deles o rio da minha sede, um rio curvo, cheio, como o teu corpo, cegaria para todo o sempre por ti, Clara, para ficar às escuras dentro de ti.¹

216

Ela, por seu turno, não alimenta nenhuma ilusão amorosa do amigo:

As histórias que sonhamos para as pessoas amadas flutuam na neblina dos dias muito quentes, como mentiras leves tocadas pelo peso da verdade. Não te cansas a inventar-me no desejo do teu corpo, Sebastião, que o que em mim crês amar não é mais do que a memória das lágrimas, das tuas lágrimas, feitas de uma luz distinta das minhas (p. 53).

Enquanto Clara se dedica a voltar ao tempo pretérito e ao amor perdido, Sebastião tenta envolver a amada, tratando-a com desvelo e submissão. Esse vai-e-vem temporal é assim refletido por Paul Ricoeur: “o presente do passado, é a memória; o presente do presente, é a visão; o presente do futuro é a expectativa” (2007, p. 364). Clara, porque cega, quer ‘ver’ e rever os lugares pelos quais passou a fim de resgatar a memória de um tempo e de um amor que não voltam mais. Ao peregrinar pelos lugares por onde andou, quer retomar o fio da vida que se perdeu naquele encontro fatal e para o qual ainda dedica-se inteiramente:

Seguem-se aos monólogos das duas personagens principais, fragmentos de sermões do Padre António Vieira que revela, por meio do

1 PEDROSA, Inês. *A eternidade e o desejo*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2008. p. 53. Todas as demais citações do romance foram retiradas dessa edição, passando-se a indicar apenas as páginas respectivas.

tom barroco da sua escrita, reflexões acerca dos assuntos tratados por Clara e Sebastião:

E que por isso amas a Bahia – com “h” de homem, ou de hoje. A Bahia é o reino do hoje, dizes, ou da eternidade, que é a mesma coisa. O contrário da posteridade, que estraga a vida a tantos (p. 69).

Seu nome, Clara, é sintomático desse querer ver o que, de fato, não está mais para ser visto. A alegoria do nome reflete a impossibilidade de voltar-se ao passado, a não ser via memória que, mesmo assim, já é uma construção narrativa e, de certo modo, distanciada do que aconteceu, na realidade. Clara percorre os caminhos pelos quais passou, visita o prédio onde Antônio, seu amor brasileiro, vivia com a família (mulher e filhos), e descobre-se estranha àquilo que lhe parecia tão familiar: ela desconhecia Antônio, que nunca se revelou inteiro e verdadeiro a ela.

É Sebastião quem tenta chamá-la à realidade, ao falar sobre seu nome de uma maneira levemente irônica:

- Clara, límpida, transparente – dizes, creio que ainda sobre *Clarissa*, já não sei, perdido que estou aqui, entre ruínas, vendo como ofuscas o próprio sol. Murmuro que a transparência é o grau supremo de todas as coisas, para dizer alguma coisa que, não o sendo, seja ainda o quanto te amo (p. 52).

A cegueira pode ser entendida como uma metáfora da dificuldade de que ela tem em enxergar, perceber a realidade: é como se ela tateasse, pela memória, um passado muito mais próximo da invenção sua do que da realidade que ela havia vivido. Mesmo querendo enxergar um tempo que diz ter vivido, não o encontra em lugar algum, conforme sua memória apresenta. Assim, Clara se torna ácida em suas palavras e atitudes, dizendo-se cansada da pena dos outros pela sua cegueira, dispensando até mesmo os cuidados de Sebastião, pois aventura-se por mãos estranhas, em lugares estranhos, sem dar nenhuma explicação por onde andou e com quem:

Clara? Onde vais? Respondes-me, secamente, que não me preocupe contigo, mas eu não posso deixar que vás assim, sem mais, pela mão de um desconhecido. Perguntas quem sou eu para decidir o que tu podes ou

Silvia
Niederauer

Inara de
Oliveira
Rodrigues

218

não fazer. Quem sou eu para decidir quem é que tu conheces ou desconheces. Lembro-te que estás à minha responsabilidade, Clara. Responde-me que me engano, e que não espere por ti (p. 78).

A morte de Antônio, o amante brasileiro, deixa marcas profundas em Clara. Ela intenta, na viagem de volta à Bahia, compreender o momento fatal que os separou para sempre, mas que deixou vivo o desejo de eternidade desse encontro. Clara, ao desfazer do amor de Sebastião, de certa forma, renega esse sentimento até ter assimilado a presença-ausência do amado morto. Depois de percorrer, em vão, as trilhas anteriormente feitas, ela deixa-se apaixonar novamente e, outra vez, por um desconhecido. E vai viver esse amor por completo, inclusive abandonando seu trabalho, família, amigos em Portugal, porque é aqui, no Brasil, que ela se sente viva de verdade:

Porque eu sou daqui, do Brasil – sou deste odor violento a floresta e mar, desta melancolia urbana excessivamente quente e perigosa, desta língua portuguesa lenta e lúbrica, deste baile de gerúndios mergulhado nos compassos do presente. O Brasil é o hoje vertical: todas as misérias do passado e as esperanças do futuro se aglutinam na experiência do momento presente. Eu sou desta mestiçagem mais potente do que de toda a História (p. 146).

As palavras de Vieira enlaçam os acontecimentos vivenciados por Clara e Sebastião, mas é ela quem ‘incorpora’ essas palavras, pois que, por meio delas, reflete sobre o sentido da eternidade como sinônimo do desejo. Ao concentrar-se nos escritos do padre, Clara vai se auto-conhecendo e conhecendo melhor o mundo a sua volta:

Vieira não precisava de nada nem de ninguém. [...] Trabalhava como se vivesse no futuro - e por isso escreveu coisas que ainda hoje são arrumadas no altar dos prodígios e adoradas pelo exterior do seu entendimento.

O círculo do tempo para numa nova idade bárbara, trabalhamos o supérfluo, a ideia de arte vale mais do que a arte, a ideia de cultura separa-se da cultura possível e particular de cada um, em rendilhados infinitos, a citação da citação da citação, fragmento do fragmento do fragmento. Torna a dizer que exagero [...] Pois não sentes a irracionalidade que

gira no desejo de dominação humana? Não sentes a sede de domínio atrofiando todas as possibilidades de prazer? (p. 24-25).

Essas passagens tornam-se muito significativas na incursão crítica de Clara sobre a realidade de *seu (nosso) tempo* – essa apropriação que, enfim, também busca reter sentidos identitários. Contrapondo passado/presente, refletindo sobre a atualidade dos escritos do jesuíta em tempos marcados pelo supérfluo, a protagonista desvela as angústias de uma realidade social em que as relações de poder mascaram-se sob a leveza do efêmero. Ao contrário desse círculo que parece sem saída, Clara arrisca-se a viver os desafios de uma relação sem seguro de satisfação garantida. Daí permitir-se viver uma nova vida ao lado do novo amante brasileiro.

Nesse processo de autoconhecimento, a protagonista conhece outra Clara, a mulher de seu primeiro amante. Ambas se aproximam em uma festa, mas não se reconhecem de imediato. A Clara brasileira, mais tarde, reconhece na portuguesa a amante de seu Antônio e é desse conhecimento e amizade que ela consegue perdoar o marido morto e, por extensão, ajudar Clara a conhecer-se e aceitar a realidade que se apresenta nova, agora:

- Posso saber porque é que cê tá chorando? Posso fazer alguma coisa contra essas suas lágrimas? [...]
- Porque não consigo acompanhar. As pessoas falam de cinema, do novo cinema brasileiro. Ou gabam as telas, parece que maravilhosas, que há nesta casa. [...]
- Ué. [...] Cada um tem sua experiência individual, não é?
- Eu sei. Ninguém tem culpa. Escolhi o Brasil para fugir da pena contínua que os meus amigos portugueses tinham de mim. Mas é difícil começar (p.157).

Assim como Antônio, o amante, Padre Antônio Vieira é como um ‘mapa’ para que Clara encontre seu caminho. São as palavras do Padre que ajudam a moça a empreender um novo trajeto em sua vida. Clara diz que

Vieira é o meu rastilho, ele sabe-o e suponho que não se importa; [...]
Na verdade, mais do que as suas palavras, move-me a arquitetura do

Silvia
Niederauer

Inara de
Oliveira
Rodrigues

220

seu pensamento: linhas circulares, de um barroco expansivo, que abre círculos em vez de os fechar (p. 137).

Esta circularidade aberta remete a esse elemento fortemente marcado na narrativa: a presença do duplo. O duplo, “segundo eu”, foi o termo consagrado pelo movimento romântico, cunhado por Jean-Paul Richter, que significa, literalmente, “aquele que caminha do lado”, “companheiro de estrada”. Trata-se, assim de uma experiência de subjetividade, famosa na formulação literária, por exemplo, de um Rimbaud: “je est un autre” (BRAVO, 1998).

Conforme Bravo (1999, p. 263), o duplo está no centro de questões psicológicas, mas também está ligado “ao problema da morte e ao desejo de sobreviver-lhe, sendo o amor por si mesmo e a angústia da morte indissociáveis”. O duplo é, assim, personificação da alma imortal, num movimento binário entre o que protege e ameaça. “De um modo geral, entretanto, é concebido como as duas faces complementares do mesmo ser” (Ibidem, p. 263).

Importa reconhecer, também, o quanto “o eu, puro discurso, está no cruzamento de uma trama de vozes” (Ibidem, p. 283), o que se torna recorrente no romance: são os vários tons e textos, sentidos e perspectivas das diferentes personas que constroem o mundo de Clara a procura de si mesma. Mais importante, entretanto, é a seguinte consideração a respeito dos sentidos do duplo de um modo geral e, muito especialmente, neste romance de Inês Pedrosa:

[...] o duplo renasce sempre das cinzas que marcam a relação com a morte. Mais do que o círculo, é a imagem da espiral que viria ao caso, o símbolo da morte-renascimento. O duplo está apto a representar tudo o que nega a limitação do eu, a encenar o roteiro fantasmático do desejo (p. 287).

Assim, essa espiral é percorrida por Clara que, ao retornar ao Brasil, ao seguir a trajetória de Vieira, ao reencontrar os rastros de Antônio e decidir aqui ficar, agora mais consciente de sua caminhada, permite que ela se re-conheça, de fato e, efetivamente, seja, então senhora de seu destino:

A ideia da dualidade da pessoa humana – masculino/feminino; homem/animal; espírito/carne; vida/morte – releva uma cren-

ça na metamorfose (até mesmo na metempsicose), que implica uma certa ideia do homem como responsável por seu destino. (BRAVO, 1998, p. 262).

Se, por um lado, Clara sentiu-se também morta ao perder o amante e a visão, foi somente quando compreendeu as perdas e suas consequências que pode renascer para a vida. Assim, por meio do diálogo que se estabeleceu entre suas experiências e as palavras de Vieira, é que a *eternidade*, primeira parte do romance, se estende por maior tempo, o que é percebido pelo número de páginas, 125 páginas; já o *desejo*, segunda parte, com 52 páginas, ainda está sendo construído ao lado de seu novo amor, Emanuel, em outra terra, a Bahia, longe de tudo e de todos os que até então fizeram parte de sua vida.

O traçado dos excertos dos sermões de Vieira acompanham a trajetória de Clara ao encontro de sua nova vida: da eternidade e o desejo até as lágrimas e o conhecimento. Dessa maneira, Portugal e Brasil encontram-se irmanados pelas palavras do Padre, revivendo seus sermões e refletindo sobre a existência da atualidade de suas palavras.

O resgate da história portuguesa e brasileira do século XVII, por meio dos lugares turísticos baianos visitados por Clara, dos sermões de Vieira e das críticas às atitudes dos portugueses durante o período de domínio sobre o Brasil, assim como as perseguições sofridas por Vieira são abordados no romance a partir das reflexões e conversas de Clara com Sebastião, em especial. Ela sabe muito sobre a história de Portugal, é conhecedora da obra do jesuíta como ninguém e, por isso, sente-se autorizada a reavaliar essa história, a postura e os feitos do padre. Daí seu olhar sempre atento aos desníveis sociais brasileiros, em especial, da Bahia, sabendo que as belezas turísticas e históricas do lugar foram erguidas com sangue e suor dos negros escravos que para cá vieram. Por isso, aceita o sincretismo religioso que encontra na cultura bahiana, entra em igrejas católicas com a mesma naturalidade com que visita centros de candomblé. Inclusive, é uma mãe-de-santo quem lhe revela que não mais precisa viajar para se encontrar, pois o que ela procura já está nela mesma: “Não precisa procurar mais, não. Seu destino era a Bahia, dona, e no seu destino a dona já está” (p. 107).

A espiral avança e se estende mais e mais: essa é trama que vive Clara e que se ratifica nas palavras de Vieira, apontando para atemporalidade de seus sermões que, ainda no século XXI abarcam a nossa

Silvia
Niederauer

Inara de
Oliveira
Rodrigues

222

realidade, seja ela portuguesa ou brasileira. Esse é o tempo de retomada da memória com o imprescindível resgate dos afetos

Percebe-se, portanto, que essa temática complexa, colocada à tona nesta proposta analítica, permite reconhecer, no romance de Inês Pedrosa, a problematização sobre a fragilidade humana e seus relacionamentos que estão intimamente ligados ao desejo imperativo da época contemporânea, ou seja, o da liberdade individual, apesar da flagrante utopia que este desejo celebra. Dito de outra forma, enquanto as relações do mundo da vida são escritas sob o princípio da efemeridade, as vidas do/no romance ganham outro rumo, pois que se revestem de perenidade ao discutir e revelar, mesmo que de forma sutil, os desencantos provocados por conta dos (des)encontros afetivos, permitindo, por sua composição literária, que se conjugue o “sempre”, o “eterno”, com a consciência lúcida do provisório.

Referências

BAUDRILLARD, Jean. **A sociedade de consumo**. Lisboa: Edições 70, 1995.

BRAVO, Nicole. Duplo. In: BRUNEL, Pierre. **Dicionário de mitos literários**. 2. ed. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1998. p. 261-288.

LIPOVESTSKY, Gilles. **El crepúsculo del deber**: la ética indolora de los nuevos tiempos democráticos. Barcelona: Editorial Anagrama, 1984.

PEDROSA, Inês. **A eternidade e o desejo**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2008.

RICOUER, Paul. **A memória, a história, o esquecimento**. Tradução de Alain François. São Paulo: Ed. da Unicamp, 2007.